

# Tía zulmíra: uma “tia” nada convencional

*Raquel Lais Vitoriano de Lima Pires<sup>1</sup>*

## 1 INTRODUÇÃO

Stanislaw Ponte Preta, expoente mais significativo do autor Sergio Porto, tornou-se conhecido por seu humor que utiliza os tipos humanos e as situações cotidianas para sensibilizar até aquele leitor mais desatento e/ou apressado. O público do cronista era o do jornal, pois este era o veículo em que suas crônicas nasceram e cresceram. Sua linguagem é coloquial e isso demonstra um contato entre narrador-leitor numa espécie de familiaridade, já que seu humor espontâneo e na maioria das vezes satírico faz o leitor se identificar com o que está sendo ali retratado. Como é sabido, Ponte Preta imortalizou muitas personagens ao criar a família Ponte Preta, tais como Primo Altamarindo, Rosamundo e Tia Zulmira, entre outros, tornando-se uma personagem-narrador de todas essas histórias.

Entre suas personagens, a mais conhecida e que aparece de forma mais abundante na sua obra é “Tia Zulmira”, uma senhora que possui uma considerável complexidade advinda de suas muitas características e várias facetas. Pode-se destacar ainda o fato de que essa personagem acabou se tornando conhecida até pelos amigos de Stanislaw, como por exemplo, Paulo Mendes Campos, que dizia conhecer Tia Zulmira e

---

<sup>1</sup> Graduada em em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Mestranda em Estudos Literários na Universidade Estadual de Londrina. E-mail: raquelais@gmail.com

sempre que os amigos conversavam tocavam no nome da personagem que se tornou simpática a todos.

Muitos fatos curiosos sobre a personagem fizeram com que ela se tornasse tão importante como, por exemplo, o fato de ela ter saído muito jovem de casa, ter tido um breve romance com Freud e de ter ganhado concursos de beleza e de escritora. Tia Zulmira muitas vezes parece ter existido, pois a forma como o autor escreve faz com que o leitor reflita e por vezes tenha tal julgamento. Outro fato importante é que a personagem acabou dando nome a um dos livros do cronista - *Tia Zulmira e eu* -, porém tal livro não contém só histórias referentes a ela, mas em muitas crônicas ela é mencionada, sempre para dar suas opiniões e sugestões sobre o fato em questão. Outros livros ainda citam-na, fazendo com que o leitor sempre acabe encontrando-a.

O livro *Tia Zulmira e eu* é a primeira série de livros da família Ponte Preta. Tal livro se inicia já de forma inusitada, com um prefácio feito por Sérgio Porto. Tal fato é de total relevância, visto que é uma espécie de metalinguagem, pois o autor fala dele mesmo (Stanislaw Ponte Preta), do seu processo de criação e além de tudo sem se preocupar no que isso pode acarretar para quem lê. Observe o seguinte trecho:

Quando os diretores da Editora do Autor me entregaram os originais de “Tia Zulmira e eu” para prefaciá-lo, justificaram a incumbência dizendo que ninguém melhor do que eu conhece a obra e o autor. De fato, Stanislaw Ponte Preta foi criado junto comigo e, praticamente, é meu irmão de criação.

Moramos na mesma casa, tivemos a mesma infância e muitas vezes comemos no mesmo prato..... (PONTE PRETA, 1961, p. 7)

Aqui já é possível notar a dimensão e proporção que Ponte Preta tomou e se firmou na vida de Sérgio Porto. Para falar especificamente sobre o livro ele vai mais além:

Este ‘Tia Zulmira’, que andei folheando, porque não suporto uma leitura mais detida dos escritos do autor, talvez porque me sinta comprometido com suas irreverências – afinal fomos criados juntos – é um apanhado com certo critério de seleção, das coisas que andou dizendo, das idéias que andou espalhando em vários jornais e revistas do Rio. Sua Tia Zulmira, senhora respeitável que conheço e admiro, entra nele ‘em passant’. O autor, com sua irreverência, não se peja de comprometer a parenta em tão levianos escritos. (PONTE PRETA, 1961, p. 8)

A fim de que analisemos um pouco mais a condição dessa mulher, vamos utilizar a crônica “Perfil de Tia Zulmira” publicada no livro *Tia Zulmira e eu*, que mostra uma entrevista com Zulmira deixando clara suas idéias, e tentar de forma clara inseri-la no contexto social da época, evidenciando a postura da sociedade diante da mulher e como a personagem lida com essas situações.

## 2 ENTREVISTA COM TIA ZULMIRA

Como é sabido, a mulher, desde os primórdios da humanidade é tratada como inferior ao homem e suas únicas e exclusivas funções eram ser submissas a ele, ser uma dona de casa prendada e ter um instinto maternal aflorado, sempre promovendo o bem estar do marido e dos filhos e em nenhum momento o dela próprio e isso permanece, de forma generalizada, até o início da década de 60 como aponta Maria Lúcia Rocha-Coutinho:

Durantes os anos 50 e início dos anos 60, portanto, a sociedade reforçava a idéia do casamento cedo e a vinda dos filhos. O casamento era considerado o único estado apropriado para os adultos e as crianças um produto natural e desejável. Estas eram consideradas essenciais para que a família permanecesse unida e as mulheres só se sentiriam completamente realizadas com a sua chegada. Aquelas que não podiam ter filhos eram dignas de pena por terem uma vida incompleta. Os principais da mulher – esposa, dona-de-casa e mãe – giravam em torno do casamento. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 99)

A partir da década de 60 se inicia uma revolução feminina com movimentos de teor político, social que

defendiam a mudança de postura com relação à mulher. Elas começam a sair de casa para trabalhar, seus desejos sexuais começam a deixar de ser reprimidos, tudo isso ainda com certa cautela, mas a mudança já se iniciara. A mulher, portanto, deixou de se preocupar somente com os outros para se dedicar à busca e ao fortalecimento de sua identidade.

Sendo assim, ela começou a ganhar espaço em todas as esferas e na literatura não foi diferente; a crônica brasileira que ganhou notoriedade a partir do século XX começou a inserir entre seus temas a questão da mulher, tema este visto tanto pela ótica da mulher quanto pela do homem tornando-se bastante significativa. Como nos explica Luiz Simon:

O papel da mulher na crônica brasileira do século XX é significativo não só pela autoria que divide espaço com um grande número de cronistas homens com projeção mas também pela representação feminina que emerge como uma das maiores constantes nesta modalidade de texto literário. De fato, desde Lima Barreto é bastante comum observarmos reflexões sobre o comportamento de mulheres em crônicas que se pautam pelo comentário e adoções de personagens femininas em textos cujos autores preferem a narrativa. [...] (SIMON, 2006, p. 62)

Dito isto, vamos passar para a análise propriamente dita da crônica em questão. A personagem “Tia Zulmira” como já foi

dito acabou se tornando uma figura fundamental para se compreender o cronista, tanto que no início do texto ele já adverte para tal assunto, pois “Quem se dá ao trabalho de ler o que escreve Stanislaw Ponte Preta – e quem me lê é apenas o lado alfabetizado da humanidade – por certo conhece Tia Zulmira, sábia senhora que o cronista cita abundantemente em seus escritos.” (PONTE PRETA, 1961, p.11). Essa passagem é muito interessante, já que fica evidente que a personagem é fundamental para a compreensão da obra como um todo e mais, o cronista sugere que quem o lê é uma camada específica, como fica nítido no trecho “lado alfabetizado da humanidade”, em que o autor já diferencia os leitores bem como a capacidade dos mesmos.

Temos logo de início exposto que “Tia Zulmira” não é uma pessoa qualquer, mas sim uma senhora detentora de muito conhecimento. Percebe-se também que a opinião da personagem é sempre muito procurada, pois seus conselhos e ajudas são dotados de sabedoria, só por isso já pode ser notada uma inovação, porque nesse caso a mulher tem voz própria e é ouvida por todos, inclusive pelos homens, situação que não acontecia de forma natural até então.

A “sábia macróbia”, um de seus muitos apelidos, se mostra muito revolucionária e moderna, algo muito distante do perfil da mulher que vivia para e pelo lar. Na crônica, deixa-se claro que ela foi escritora, uma antiga correspondente do jornal “Times” na Jamaica, evidenciando mais uma vez sua postura e influência em diversos meios e também essa atitude independente e pronta para o trabalho ou para a vida. Com muito humor, recurso tão bem dosado pelo autor, a personagem vai sendo mostrada para o leitor de forma que cause até certo

estranhamento, já que as atitudes da simpática senhora são muito autênticas e de certa forma isoladas levando em consideração o perfil das mulheres nessa fase, isso provavelmente causa muita inveja ao mesmo tempo em que estimula uma mudança no comportamento.

O autor ainda fala de algumas aventuras da personagem que são importantes para compreendê-la melhor. No trecho seguinte ele dá pistas de como Zulmira se comporta e se preocupa com a opinião da sociedade, já que para ter essas atitudes ela realmente teria que ignorar e desprezar a opinião geral.

Pouco se sabe a respeito dessa ex-condessa prussiana, ex-vedete do Folies Bergère (coleguinha de Colette), cozinheira da Coluna Prestes, mulher que deslumbrou a Europa com sua beleza, encantou os sábios com a sua ciência e desde menina mostrou-se personalidade de impressionante independência, tendo fugido de casa aos sete anos para aprender as primeiras letras, pois na época as mocinhas – embora menos insipientes do que hoje – só começavam a estudar aos dez anos. Tia Zulmira não resistiu ao nervosismo da espera e, como a genialidade borbulhasse em seu cérebro, deu no pé. (PONTE PRETA, 1961, p. 11).

Num único trecho o cronista consegue nos dar uma dimensão de quem é a personagem e do que ela é capaz de

fazer, já que sua espontaneidade e facilidade em adaptar-se a qualquer situação deixam evidente que sua forma de pensar está à frente de seu tempo e por isso ela é tão respeitada. Com tudo isso o autor ainda deixa clara sua opinião, fazendo de Tia Zulmira sua interlocutora, tanto que em uma outra parte da crônica ele diz que Tia Zulmira “sempre implicou um pouco com a imperatriz (achava o imperador um bom papo) e teria colaborado para o movimento de 89, não fossem os militares da época, quase tão militares como os de hoje.” (PONTE PRETA, 1961, p. 13).

Como fica claro, o cronista, através da personagem faz uma crítica aos militares da época, deixando subentendido o autoritarismo tão típico dessa classe. Como a crônica foi escrita em 1961, podemos notar aí que a ditadura que aconteceria anos depois já estava começando a dar seus primeiros indícios.

No decorrer da crônica a personagem vai sendo “desvendada” ao mesmo tempo em que vai nos intrigando como o fato de ela ter

[...] completado seus estudos num convento carmelita, onde aprendeu de graça, numa interessante troca de ensinamentos com as freiras locais: enquanto estas lhes ministravam lições de matérias constantes do curso ginásial, Tia Zulmira lhes ministrava lições de liturgia. Mocinha, partiu para a Europa, para aproveitar uma bolsa de estudos, ganha num concurso de pernas [...] (PONTE PRETA, 1961, p.14).



Como ficou evidente percebe-se como essa mocinha foi um tanto que singular e excêntrica, já que estudou em um convento, mas participou de um concurso de pernas, algo contraditório se pensarmos na ideologia existente entre essas duas situações. O que de fato parece é que ela faz questão de chamar a atenção e de inovar, revolucionar, talvez para deixar a sociedade incomodada e perdida, pois tais atos poderiam influenciar outras “donzelas”, por assim dizer, o que causaria um tremendo alvoroço.

As situações no mínimo constrangedoras continuam, pois a moça ainda foi morar em uma pensão em que viviam não só moças, mas também rapazes, incluindo uma figura muito conhecida: “vivia no quarto ao lado o então obscuro cientista Darwin, que com ela manteve um rápido flerte”. (PONTE PRETA, 1961, p. 14-15). As situações são muito embaraçosas e para a época isso se agrava. Mais uma vez o recurso humor é usado pelo cronista para tornar a história mais envolvente.

Todas essas histórias são contadas pela senhora em uma entrevista e ela pode ser repetida para qualquer um que tiver a honra de conversar com ela em seu casarão da Boca do Mato, lugar em que vive. No final dessa entrevista ela tem as seguintes atitudes: “a velha dama pára um instante de tecer o seu crochê, oferece-nos um “Fidel Castro” com gelo. É uma excelente senhora, esta, que tem a cabeça branca e o olhar vivo e penetrante das pessoas geniais”. (PONTE PRETA, 1961, p. 17). Mais uma vez uma atitude aparentemente contraditória, fazer crochê, ação típica de mulheres “prendadas”, e tomar um “Fidel Castro”. O que o cronista quer deixar evidente é que uma mulher deve ter o direito de ser o que e como quiser, sem se

preocupar com padrões pré-determinados por uma maioria detentora das normas.

Como foi possível notar, o cronista tem um grande respeito pela personagem, de modo que dá a ela um espaço muito grande em toda a sua obra. Nota-se ainda que “Tia Zulmira” parece que não pertenceu a sua época, talvez seja uma forma encontrada pelo cronista de expor certas situações que o incomodavam ou que estavam começando a ganhar notoriedade na época. A sábia senhora vai contra toda a mentalidade tradicional em que doutrinava a mulher para ser submetida a certas funções e papéis que deveriam ser desempenhados somente por ela.

Ainda para explicitar as intenções do autor, deve-se observar a forma como ele a denominou – Tia Zulmira- o que de início leva o leitor a crer que se trata de uma mulher tradicional e, portanto, familiar, o que não ocorre essencialmente, porque em nenhum momento ela ignora a família, somente tem formas diferentes de pensar sobre os fatos da vida. Essa quebra de expectativa mostra que essa tia às avessas surge para desmascarar os vícios da sociedade opressora e patriarcal, já que é ela quem toma as próprias decisões sobre sua vida e sobre suas atitudes.

Na sociedade moderna e contemporânea a mulher ainda não adquiriu total liberdade, mas ela sabe que a mudança está acontecendo e é necessária. Como propõe Elaine Showalter:

Está na hora de a crítica feminista decidir se entre religião e revisão podemos reivindicar alguma área teórica sólida para nós mesmas. Ao postular uma crítica feminista que seja

genuinamente centrada na mulher, independente, e intelectualmente coerente, não pretendo endossar as fantasias separatistas de visionárias feministas radicais ou excluir da nossa prática crítica uma variedade de instrumentos intelectuais. (SHOWALTER, 1994, p. 28).

A mulher na sociedade atual precisa se conscientizar da sua posição e assumi-la sem que para isso precise ser humilhada. Através de Stanislaw Ponte Preta conhecemos Tia Zulmira, uma tia nada convencional que enche nossas vidas com suas histórias e ensinamentos permitindo que o leitor desfrute de temas cotidianos sem deixar de lado o humor. É válido lembrar que o papel da crônica se fortalece à medida que em sua essência o cotidiano é evidenciado, tornando um importante meio de discutir as questões femininas e mais ainda se pensarmos que esse gênero, assim como a mulher, é visto como menor, superficial e juntos se tornam grandes.

Por fim, Stanislaw Ponte Preta se firmou como um cronista que marcou época através de histórias repletas de situações cotidianas e tipos humanos que ultrapassam o tempo e permanecem atuais. Com o seu estilo de humor um tanto que cômico e engajado fica evidente seu deboche e sua crítica à sociedade.

**BIBLIOGRAFIA**

PONTE PRETA, Stanislaw. *Tia Zulmira e eu*. Editora do autor: Rio de Janeiro, 1961.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Os cronistas e as mulheres na segunda metade do século XX. In: *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. Londrina: 2006, v. 7, p. 61-69.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: Heloisa Buarque de Hollanda (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.